



Requisitos para a criação de um prototipo da *webapp* “App Projeto de Reabilitação Psicossocial”: estudo de grupo focal

Requirements for Prototyping the web app “Psychosocial Rehabilitation Project App”: A Focus Group study

Requisitos para la creación de un prototipo de la aplicación web “App Proyecto de Rehabilitación Psicossocial”: Estudio de grupo focal

Fagner Alfredo Ardisson Cirino Campos¹, <https://orcid.org/0000-0001-6563-6155>

José Carlos Sánchez García², <https://orcid.org/0000-0002-2264-0696>

Fabio Biasotto Feitosa³, <https://orcid.org/0000-0001-6440-4993>

Edilson Carlos Caritá⁴, <https://orcid.org/0000-0002-9767-4751>

Carla Aparecida Arena Ventura⁵, <https://orcid.org/0000-0003-0379-913X>

¹Programa de Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Brasil.

²Faculdade de Psicologia da Universidade de Salamanca (USAL), Espanha.

³Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (Unir), Brasil

⁴ Centro de Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Brasil

⁵Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), Brasil.

Autor de Correspondência:

Fagner Alfredo Ardisson Cirino Campos, fagneralfredo@hotmail.com

Resumo

Objetivo: identificar os requisitos para a prototipagem da *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial”.



Método: estudo exploratório, descritivo e de abordagem qualitativa, no qual foram entrevistados oito profissionais de saúde mental de um Centro de Atenção Psicossocial do interior de São Paulo/SP utilizando a técnica de grupo focal. O conteúdo das entrevistas foi transcrito pelo *software* Transkriptor e analisado segundo a análise temática, com auxílio do *software* Atlas Ti.

Resultados: os profissionais de saúde mental compreenderam a importância do projeto de reabilitação psicossocial como instrumento para a organização do cuidado em saúde mental. Além disso, perceberam que a construção de um aplicativo pode facilitar a elaboração de projetos de reabilitação psicossocial mediante a incorporação de recursos tecnológicos. Por outro lado, a aplicação também foi vista como ferramenta potencial para a vigilância do paciente psiquiátrico e com risco de aumentar a sobrecarga laboral dos profissionais de saúde mental.

Conclusão: o grupo focal possibilitou captar os requisitos para a prototipagem da *webapp* "App projeto de reabilitação psicossocial", permitindo aproximar a tecnologia dos profissionais de saúde mental, de forma a facilitar a construção e gestão do projeto de reabilitação psicossocial.

Palavras-Chave: Projetos; Aplicativos Móveis; Reabilitação Psiquiátrica; Saúde Mental.

Abstract

Objective: To identify the requirements for prototyping the web app "Psychosocial rehabilitation project app" web application.

Method: An exploratory, descriptive study with a qualitative approach, in which eight mental health professionals from a Psychosocial Care Center in the interior of São Paulo/SP were interviewed, using the focus group technique. The content of the interviews was transcribed using Transkriptor software and analyzed according to thematic analysis, with the aid of Atlas Ti software.

Results: The mental health professionals understood the importance of the psychosocial rehabilitation project as an instrument for organizing mental health care. Furthermore, they realized that the construction of an application can facilitate the development of psychosocial rehabilitation projects through the incorporation of technological resources. On the other hand, the application was also seen as a potential tool for the surveillance of the psychiatric patient, and with a risk of increasing the work overload of mental health professionals.

Conclusion: The focus group made it possible to capture the requirements for prototyping the web app "Psychosocial rehabilitation project app" allowing technology to be brought closer to mental health professionals, so that it is possible to facilitate the construction and management of the psychosocial rehabilitation project.



Keywords: Projects; Mobile Applications; Psychiatric Rehabilitation; Mental Health.

Resumen

Objetivo: Identificar los requisitos para la creación de prototipos de la web aplicación "App proyecto de rehabilitación psicosocial".

Método: Estudio exploratorio, descriptivo y con enfoque cualitativo, en el que se entrevistó a ocho profesionales de la salud mental de un Centro de Atención Psicosocial del interior de São Paulo/SP, utilizando la técnica de grupo focal. El contenido de las entrevistas fue transcrito por el software Transkriptor y analizado según el análisis temático, con la ayuda del software Atlas Ti.

Resultados: Los profesionales de la salud mental comprendieron la importancia del proyecto de rehabilitación psicosocial como instrumento para la organización del cuidado en salud mental. Además, percibieron que la construcción de una aplicación puede facilitar la elaboración de proyectos de rehabilitación psicosocial mediante la incorporación de recursos tecnológicos. Por otro lado, la aplicación también fue vista como herramienta potencial para la vigilancia del paciente psiquiátrico y con riesgo de aumentar la sobrecarga laboral de los profesionales de la salud mental.

Conclusión: El grupo focal posibilitó captar los requisitos para la creación de prototipos de la web aplicación "App proyecto de rehabilitación psicosocial", permitiendo acercar la tecnología a los profesionales de la salud mental, de forma que se pueda facilitar la construcción y gestión del proyecto de rehabilitación psicosocial.

Palabras Clave: Proyectos; Aplicaciones Móviles; Rehabilitación Psiquiátrica; Salud Mental.

Introdução

O Projeto de Reabilitação Psicossocial (PRP) é um método de gestão do cuidado e assistência que permite ao profissional de saúde mental diagnosticar os problemas, necessidades psicossociais e exigências do paciente psiquiátrico (Campos et al., 2021; Godinho & Peixoto Junior, 2019).

Como instrumento sistemático de cuidado, o PRP estrutura-se nos conceitos teóricos da teoria da Reabilitação Psicossocial (RP), *Case Management* (CM) e Projeto Terapêutico Singular (PTS) (Campos et al., 2021; Campos et al., 2025a).

O PRP tem sido utilizado em serviços de saúde mental, especialmente nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que habitualmente desenvolvem o processo de Reabilitação Psicossocial (RP) em pacientes com transtornos mentais graves e persistentes (Moura et al., 2023).



No entanto, a literatura revista evidencia que, devido à diversidade de abordagens conceituais e metodológicas do PRP, os profissionais de saúde mental têm dificuldades em relação à sua implementação no contexto de saúde mental brasileiro (Antonio et al., 2023; Campos et al., 2021).

Nesse sentido, as tecnologias digitais, por meio das *apps* (aplicações), podem ajudar os profissionais de saúde mental a dinamizar a sua prática, gerir o cuidado e solucionar as suas dificuldades, inclusive as relacionadas à implementação do PRP (Nardi et al., 2022).

Para o estudo, as tecnologias digitais aumentam o acesso e a acessibilidade aos serviços de saúde, a qualidade dos cuidados oferecidos, como também reduzem os custos e a distância do serviço aos pacientes (Currey & Torous, 2023; Vial et al., 2023).

Estudos demonstram que *apps* voltadas para o contexto e problemáticas envolvendo a saúde mental podem favorecer o rastreio da disgrafia (Dui et al., 2020) e o diagnóstico do transtorno do espectro autista (Honaker et al., 2023), ajudar a parar de fumar (Gowarty et al., 2021), aumentar a autoestima e a confortabilidade com a aparência (Kuck et al., 2022), melhorar a arquitetura e a qualidade do sono (Kawata et al., 2023) e monitorizar a dieta e a atividade física (Ruf et al., 2021).

Além disso, alguns estudos não perceberam apenas as utilidades das *apps* nos contextos da saúde mental, mas como riscos potenciais à discriminação dos pacientes psiquiátricos (Queiroz, 2022).

Contudo, embora essas *apps* sejam aplicadas no contexto da saúde mental poucos trabalhos abordam *apps* sobre reabilitação psicossocial. Existem estudos relacionados ao processo de reabilitação psicossocial, embora focados na ludicidade como estratégia de adesão do paciente com transtorno mental grave (Lopes et al., 2021). De acordo com um estudo de revisão de literatura realizado em consulta a diversas bases de dados, como Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Internacional em Ciências da Saúde (PubMed), Scopus, Web of Science e PsycNet, não foram encontrados estudos nem *apps* com foco na construção de projetos de reabilitação psicossocial (Campos et al., 2025b).

Como também há estudo em que investigadores de tecnologia desenvolveram uma *app* (*app*) para a gestão da história clínica do paciente com a finalidade de facilitar o acesso à informação aos profissionais de saúde, sendo o seu desenvolvimento baseado na procura de requisitos de funcionalidade, priorizando que a *app* fosse adaptada ao contexto de saúde e tivesse um recurso tecnológico de busca de paciente e, principalmente, que atendesse as necessidades dos profissionais de saúde (Cobo Campo & Pérez-Urbe, 2016).

Portanto, é imprescindível o desenvolvimento de uma aplicação para facilitar e ajudar os profissionais de saúde mental na construção, gestão, monitorização, acompanhamento e avaliação de projetos de reabilitação psicossocial (Giovanelli et al., 2023), que priorizem a facilidade de uso, conteúdos com textos simples, claros e informativos e que garantam a segurança e privacidade de dados (Burn et al., 2022).



Sendo assim, para o desenvolvimento da *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial” é necessária a utilização de metodologias participativas com envolvimento dos profissionais de saúde mental, as quais permitam a obtenção de ideias convergentes e divergentes (Vial et al., 2023) entre os profissionais de saúde mental por meio da técnica de Grupo Focal (GF) (Cheng et al., 2016), com o objetivo de integrar os requisitos para subsidiar o protótipo da *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial” (Bezerra et al., 2023; Gusmão, 2019).

Sendo reforçado pelos estudos que, antes do processo de desenvolvimento de qualquer *app* sobre saúde mental, faz-se necessário que existam interação colaborativa entre profissionais de saúde mental, utilizadores finais e pesquisadores/desenvolvedores durante todo o processo de construção e ideação da aplicação (Giovanelli et al., 2023; Honaker et al., 2023).

Os recursos tecnológicos podem dinamizar a *app* e potencializar a sua aplicabilidade e usabilidade por facilitar a sua contextualização (Jakob et al., 2022). De forma que as *apps* sobre saúde mental, utilizadas por profissionais de saúde mental, sejam adaptadas e personalizadas às suas necessidades em relação ao seu contexto laboral (Currey & Torous, 2023).

Os profissionais de saúde mental buscam recursos tecnológicos que facilitem o suporte à decisão clínica em saúde mental com ferramenta de cadastro do paciente, sugestão de diagnóstico e dosagem de medicamentos, lembretes individuais e apoio profissional (Jakob et al., 2022), bem como o resgate rápido de informações clínicas dos pacientes sob seus cuidados (Costa, 2023). Além de recursos tecnológicos como uma função de partilha de informações sobre os seus pacientes (Pokhrel et al., 2021).

Desse modo, este artigo teve como objetivo identificar os requisitos para a prototipagem da *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial”.

Método

Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa (Morgado et al., 2021), seguindo as recomendações do protocolo SRQR (Dossett et al., 2021). Este estudo faz parte de um projeto mais amplo, que teve como objetivo construir e validar uma aplicação para a elaboração, condução, monitorização e avaliação de projetos de reabilitação psicossocial por profissionais de saúde mental. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP) mediante o Parecer nº 6.605.152, de 3 de janeiro de 2024 (CAAE: 75372623.5.0000.5393).

O estudo foi realizado em um CAPS, o principal dispositivo de reabilitação psicossocial da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de um município do interior de São Paulo, Brasil. Esse CAPS funciona em regime de acolhimento ininterrupto durante 24 horas (nível 3), com serviços voltados para consultas e atendimentos individuais (psicoterapia, acompanhamento medicamentoso e acolhimento), atividades grupais (grupos terapêuticos e oficinas



terapêuticas), visitas domiciliárias, atendimento familiar e atividades de inserção social e no mercado de trabalho (Antonio et al., 2023).

Previamente, os investigadores visitaram o CAPS em estudo para se apresentarem à sua coordenação e informarem sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa (Gusmão, 2019). Nessa visita, foram agendados o dia e o horário (30 de janeiro de 2024, das 14h às 15h) em que o investigador principal realizaria o GF, com a participação de todos os profissionais presentes nesse dia. A coordenação comprometeu-se em convidar os profissionais para participar voluntariamente do GF, conforme os seguintes critérios de inclusão: ser profissional de saúde mental com nível superior e com tempo de atuação em saúde mental igual ou superior a 1 ano. Para a literatura, a experiência de pelo menos 1 ano em saúde mental é fundamental para que esses profissionais tenham vivenciado os desafios e a particularidade do trabalho em saúde (Campos et al., 2021). Como critério de exclusão, foram dispensados os profissionais que se encontrassem de férias ou licenças médicas (Tamashiro, 2019).

Segundo a literatura, o GF é uma técnica de pesquisa qualitativa derivada das entrevistas grupais que recolhe informações por meio da interação grupal (Bomfim, 2009). A literatura recomenda a participação de 8 a 10 profissionais de saúde mental (Aschidamini & Saupe, 2004) e uma duração de 45 a 60 minutos (Cheng et al., 2016). Os participantes do GF podem ser selecionados por meio de amostragem intencional e não probabilística (Thirycherques, 2009). A opção pela amostragem intencional e não probabilística justifica-se pela natureza exploratória e qualitativa desta investigação. A razão do estudo é compreender as experiências e perspectivas de um grupo específico de profissionais de saúde mental com experiência na elaboração de projetos de reabilitação psicossocial (Minayo, 2017; Vinuto, 2014). Nesta pesquisa, os participantes foram selecionados de um grupo de 11 profissionais de saúde mental com nível superior e com experiência prática na elaboração de projetos de reabilitação psicossocial a partir dos prontuários físicos dos pacientes (Gusmão, 2019; Minayo, 2017).

Assim sendo, oito profissionais de saúde mental participaram, em uma única sessão, de entrevista do GF. Essa entrevista, conduzida por um enfermeiro psiquiátrico, autor principal deste trabalho, foi realizada em um círculo à volta de uma mesa (com um gravador portátil ao centro), teve a duração de 1 hora e ocorreu em um ambiente acolhedor, climatizado e seguro, de forma a garantir a privacidade do momento (Aschidamini & Saupe, 2004).

De modo complementar, o enfermeiro psiquiátrico colocou as seguintes perguntas exploratórias (com pausas para as respostas de cada integrante do GF e intercalando as perguntas): 1) O que é RP? 2) O que seria um PRP? 3) Se fosse construir uma *app* de PRP, quais elementos seriam importantes na *app*? Após o término do GF, foram recolhidas as informações que caracterizavam os participantes (nome, idade, sexo, raça, escolaridade e experiência profissional).

O material gravado foi transcrito com o auxílio do *software* Transkriptor, que transcreve textos de vídeos e áudios gravados para o Microsoft Word (Romualdo, 2022). Em seguida, esse material foi lido minuciosamente no programa de computador Atlas Ti, *software* para gestão de dados qualitativos (Silva Junior & Leão, 2018). Para a análise desses dados, o investigador



principal orientou-se pela análise temática (Braun & Clarke, 2006, 2022), descrita segundo as 6 etapas: 1. Familiarização com os dados; 2. Geração de códigos iniciais; 3. Busca de temas e subtemas; 4. Revisão dos temas e subtemas; 5. Definição e nomeação dos temas e subtemas; 6. Produção do relatório com resultados dos temas, subtemas e códigos (Braun & Clarke, 2006, 2022).

Além disso, para garantir o rigor deste estudo, durante a análise temática, esta foi auditada pelos outros investigadores, mantendo sempre os temas, códigos e excertos em que todos concordavam (Ng et al., 2019).

Ademais, o critério de saturação utilizado nesta investigação foi estrutural, considerando a representatividade da amostra, o tempo e o alcance dos objetivos da pesquisa em uma única sessão de grupo focal. Os requisitos para a prototipagem da *webapp* "App projeto de reabilitação psicossocial" foram obtidos em uma única entrevista de grupo focal, com a presença de mais de 70% dos profissionais de nível superior vinculados ao CAPS (Bomfim, 2009; Minayo, 2017).

Resultados

Tabela 1. Caracterização dos participantes do Grupo Focal realizado no CAPS do interior de São Paulo/Brasil (N= 8)

VARIÁVEIS QUANTITATIVAS	n	%	$\bar{x}$	σ	Md	Mo
Idade (anos)	8	100,0	40	8,7	37,5	37
Experiência em Saúde Mental (anos)	8	100,0	9	8,0	6	2 e 15
VARIÁVEIS QUALITATIVAS	n	%				
SEXO	8	100,0				
Feminino	7	87,5				
Masculino	1	12,5				
RAÇA	8	100,0				
Branca	7	87,5				
Preta	1	12,5				
PROFISSÃO	8	100,0				
Enfermeiro	3	37,5				



Psicólogo	2	25,0
Assistente social	1	12,5
Terapeuta ocupacional	1	12,5
Médico	1	12,5
ESCOLARIDADE	8	100%
Especialistas em saúde mental	8	100,0

Tabela 2. Tema, subtemas e códigos produzidos do Grupo Focal realizado no CAPS do interior de São Paulo/Brasil

1. Tema Geral: Reabilitação psicossocial e projeto de reabilitação psicossocial: ideias para a webapp “App projeto de reabilitação psicossocial”		Sínteses narrativas dos achados obtidos
1.1 Subtema: Sentidos atribuídos à reabilitação psicossocial pelos profissionais de saúde mental do CAPS III		
Código: <i>Inserção social como estratégia de reabilitação psicossocial para desinstitucionalização</i>	<i>A RP (começa) com a Reforma Psiquiátrica que teve (...) todo esse fechamento dos manicômios. (...) (a) RP, de forma mais ampla, é concretizar a Reforma Psiquiátrica, (...), sendo necessário (re)inserir esse paciente na sociedade (P1 - Enfermeiro). Então, nem sempre, a gente consegue desenvolver a RP. Ele (o paciente) ser inserido novamente, e aí ele acaba precisando, às vezes, retornar várias e várias vezes para o ambiente hospitalar, que não era o nosso objetivo (P2 - Psicóloga 1).</i>	Para os profissionais de enfermagem e psicologia, a RP ocorre paralelamente com a Reforma Psiquiátrica, possibilitando a desinstitucionalização do paciente psiquiátrico pelas estratégias de inserção social. Contudo, nem sempre esse processo é efetivado, provavelmente quando a articulação intersectorial é inefetiva.
1.2 Subtema: PRP: conceituação, potencialidades e dificuldades		
Código: <i>Conceituação de PRP</i>	<i>PRP? Eu acho que o próprio CAPS III já é um exemplo de PRP (P3 - Médica). (O PRP) é o PTS que é feito (pela equipe do CAPS III) (...) (P1 - Enfermeiro). (...) Construção de PTS individuais e coletivos (P4 - Terapeuta Ocupacional).</i>	Na percepção da médica, o PRP se confunde com as ações de RP do CAPS. Paralelamente, para enfermeiro, o PRP colabora no sentido de que esse projeto é sinônimo de PTS. Para a terapeuta ocupacional, o PRP é equivalente ao PTS, pois é visto como momento de



Código: <i>Construção de projetos de Reabilitação psicossocial personalizados a necessidades dos pacientes</i>	<i>O momento da construção é de extrema importância, pois precisamos pensar nas necessidades de cada indivíduo. (...) Então cada um PRP conforme as suas necessidades. Então, por isso, que é individual (...) (P2 - Psicóloga 2).</i>	construção individual e coletiva, o que é complementado pela Psicóloga 1, como meio de refletir sobre as necessidades singulares dos pacientes psiquiátricos e a sua dificuldade em construí-lo como membro da equipe de saúde mental do CAPS.
Código: <i>Obstáculos à efetividade do PRP</i>	<i>A dificuldade maior é garantir que o PRP abranja todas as necessidades daquele indivíduo. (...) Maior dificuldade no acompanhamento por questões de tempo e amplitude (envolvendo equipe, família, rede, questões sociais e falta de recursos) (P2 - Psicóloga 1).</i>	
1.3 Subtema: Finalidade da webapp “App projeto de reabilitação psicossocial”		
Código: <i>Webapp “App projeto de reabilitação psicossocial” como instrumento de gestão, organização e direcionamento das atividades do CAPS</i>	<i>(...) Este aplicativo somará e nos ajudará a otimizar diversas questões que o serviço apresenta (...) (P5 - Enfermeira 2).</i> <i>(...) Eu pensei que a ideia do webapp projeto de reabilitação psicossocial” (...) (Como gestão de consulta). Por exemplo, o número de faltas que a gente tem nas consultas, a gente perde muita vaga, porque os pacientes não vêm (...) (P3 - Médica).</i> <i>(...) Daria para colocar o retorno do paciente. Saber quais o dia que o paciente psiquiátrico tem retorno ou se não tem (P1 - Enfermeiro).</i> <i>(O “App projeto de reabilitação psicossocial” poderia) (...) ter o norte das atividades que eles estão inseridos (profissional e pacientes cientes) (P4 - Terapeuta Ocupacional).</i> <i>O que eu pensei que seria interessante a gente colocar para os pacientes quais são as atividades que eles vão fazer (...) (P3 - Médica).</i>	A webapp “App projeto de reabilitação psicossocial” foi percebida pela maioria dos profissionais de saúde mental do CAPS como ferramenta tecnológica digital para facilitar a organização e a resolubilidade das ações desse serviço. Sendo uma ferramenta tecnológica eficaz para gestão das consultas e pós-consulta (números de vagas, ausentes e presentes) e organização das atividades terapêuticas programadas aos pacientes.



1.4 Subtema: Recursos tecnológicos do webapp "App projeto de reabilitação psicossocial"		A maioria dos profissionais de saúde mental participantes apontou como requisito de funcionalidade da webapp "App projeto de reabilitação psicossocial" recursos tecnológicos e recomendações para que essa aplicação fosse adaptada para computador, e não apenas para smartphones, que possibilitasse geração de relatório com indicadores do serviço CAPS. Especificamente em relação à estrutura (design) da aplicação, os profissionais que entrevistaram idealizaram "telas" (abas) com registro de medicação e intervenções do CAPS. Eles trouxeram que a função de "lembretes" funcionaria como avisos/alertas ao paciente psiquiátrico sobre suas atividades terapêuticas e consultas/retorno. O recurso "totem" (com informações de psicoeducação) poderia potencializar a organização do paciente com relação ao seu projeto de reabilitação psicossocial e atividades do CAPS. A particularidade de a assistente social trazer um recurso de "mural" com vaga de empregos a serem alimentadas pela equipe e paciente é estratégia para ampliar a possibilidade de o paciente psiquiátrico se inserir no mercado de trabalho. A função GPS para rastrear o deslocamento do paciente psiquiátrico pelos
Código: Interface para computador e métricas que apontasse relatório sobre os indicadores do serviço CAPS	<i>(...) Se fosse um aplicativo que (tivesse interface) para computador, aí seria bom. Aí todo mundo tem computador... (...) E ter a funcionalidade de relatório (...) para saber quais pacientes estão no serviço, quem usa medicação e quem não está... quem tem questão clínicas.... E quais são os profissionais de referência... (P6 - Enfermeira 1).</i>	
Código: Abas para intervenções do PRP e Lembretes de atividades ao paciente psiquiátrico	<i>(Ele) poderiam ter abas com: medicação, atividades do CAPS, e atividades externas (...) (P6 - Enfermeira 1). (...) E às vezes eles se desorganizam e não veem os dias que a gente coloca. Então, se tivesse no aplicativo, um lembrete: Ah! hoje você tem atividade tal... e aí ele vai vir.... (P3 - Médica).</i>	
Código: Totem e Mural	<i>(...) O totem da gente, não seria ótimo?... É interessante... (P6 - Enfermeira 1). (Ter) O mural (...) com vaga de emprego (...). (P7 - Assistente - Social).</i>	
Código: Monitoramento da localização e frequência do paciente psiquiátrico ao serviço CAPS	<i>Aí tem que tá ligado no GPS, aí que ele (o paciente psiquiátrico) chegou já liga, viu?!... Não veio no caso, ele estava indo no McDonald's?! (risos dos participantes) (P7 - Assistente - Social). Eu acho que seria interessante a frequência. Porque é uma das coisas que às vezes a gente perde o controle (P6 - Enfermeira 2).</i>	



		territórios de produção de vida e a frequência dele ao serviço foram percebidas como recursos tecnológicos indispensáveis para o monitoramento e indicador para acompanhamento da evolução do paciente psiquiátrico.
1.4.1 Subtema: Barreiras quanto à utilização da <i>webapp</i> “App projeto de reabilitação psicossocial” pelos profissionais de saúde mental		Os profissionais de saúde mental do CAPS III, especificamente da área de enfermagem e médica, referiram as possíveis barreiras (exclusão digital do paciente psiquiátrico e sobrecarga profissional) como consequência ou inviabilização do uso/implementação da <i>webapp</i> “App projeto de reabilitação psicossocial”. A exclusão digital é marcada pela pobreza (não ter acesso a <i>smartphone</i> e internet) e analfabetismo que são marcadores sociais da sociedade brasileira. Negativamente, a <i>webapp</i> “App projeto de reabilitação psicossocial” foi percebida como potencial para aumentar a sobrecarga dos profissionais, obstruindo sua potencialidade de gestão e organizador das ações do CAPS com foco no projeto de reabilitação psicossocial.
Código: Exclusão digital do paciente psiquiátrico	<i>Muitos pacientes, também, não têm acesso (smartphones/internet) (P1- Enfermeiro). (...) E pensar que nem todos têm acesso a celular, internet (P3 - Médica). (...) Essa lógica da galera analfabeta é uma coisa até estrutural. Hum (...) então assim, tipo, pensar nessa lógica (...) (P6 - Enfermeira 1).</i>	
Código: Risco de sobrecarga profissional ao uso da “webapp projeto de reabilitação psicossocial”	<i>Tem também barreira institucional, por exemplo, que é a gente utilizar este “webapp projeto de reabilitação psicossocial” em nosso smartphone (...) minha preocupação é como é que isso se alinharia, por exemplo, para não ser apenas mais uma demanda, entendeu?! (...) Porque PTS, a gente já faz (...) (P6 - Enfermeira 1).</i>	

“P” refere a participante 1, 2, 3

Discussão

Sentidos Atribuídos à Reabilitação Psicossocial pelos Profissionais de Saúde Mental do CAPS III



Código: Inserção social com estratégia de reabilitação psicossocial para desinstitucionalização

Para o profissional enfermeiro e psicóloga 1, a inserção social é a principal estratégia da reabilitação psicossocial para desinstitucionalização do paciente psiquiátrico. A literatura demonstra que, para a efetivação da reinserção social, é imprescindível o trabalho em equipe em contexto colaborativo, com a participação efetiva (e comprometida) de cada dispositivo da RAPS (e seus profissionais responsáveis), quando necessário, para atender e suprir as necessidades biopsicossociais do paciente psiquiátrico, protagonista do PRP construído pela equipe do CAPS (Antonio et al., 2023).

O CAPS é dispositivo da RAPS protagonista do cuidado em saúde mental em regime comunitário. É modelo de referência para a desinstitucionalização do paciente psiquiátrico, consolidado pelo movimento da reforma psiquiátrica, e para reabilitação psicossocial por meio de projetos de reabilitação psicossocial (Zubiaurre et al., 2023).

PRP: conceituação, potencialidades e dificuldades

Código: Conceituação de PRP

O Projeto de Reabilitação Psicossocial (PRP) é o instrumento sistemático do processo de reabilitação psicossocial, orientado para desinstitucionalização, cidadania plena e reinserção social (Godinho & Peixoto Junior, 2019). Esse projeto se fundamenta nos conceitos e pressupostos da teoria da reabilitação psicossocial, princípios da gestão de casos do case management, e tem suas estruturas focadas nas etapas do Projeto Terapêutico Singular, sendo compostas de avaliação em saúde mental, metas terapêuticas, intervenções e divisão de responsabilidades e (re)avaliação (Campos et al., 2021; Campos et al., 2025a; Moura et al., 2023).

A evidência de a médica e enfermeira considerarem as ações e intervenções do PRP convergentes com a própria razão de existência do CAPS é coerente com a literatura por enfatizar o PRP como forma de organização do cuidado, com articulação intra e intersectorial direcionadas intencionalmente ao paciente psiquiátrico do serviço CAPS, de forma que ele possa protagonizar sua vida, reforçar e desenvolver a autonomia e o exercício da sua cidadania (Kinoshita et al., 2020).

Código: Construção de projetos de Reabilitação psicossocial personalizados a necessidades dos pacientes

O PRP é um instrumento de cuidado que deve ser construído sempre com a presença do paciente psiquiátrico, seja com a participação apenas do seu profissional responsável ou em



colaboração com a equipe multidisciplinar de saúde mental (Zubiaurre et al., 2023). A presença do paciente psiquiátrico resgata seu protagonismo e autonomia, em um diálogo contratual no qual se respeitem as suas escolhas, decisões, desejos e sonhos de vida (Antonio et al., 2023; Babinski & Hirdes, 2004).

A literatura enfatiza que quando os pacientes psiquiátricos não são envolvidos e “escutados”, tendo intervenções e direcionamentos do PRP arbitrários as suas vontades e necessidades, o cuidado em saúde mental é despersonalizado, e o PRP destoa das necessidades psicossociais “reais” do paciente psiquiátrico, comprometendo sua eficiência por não adesão do paciente psiquiátrico (Carvalho e Silva et al., 2022; Zubiaurre et al., 2023).

Código: Obstáculos à efetividade do PRP

De acordo com o discurso da psicóloga 1, há a percepção da equipe do CAPS em estudo que o PRP, como instrumento de cuidado que deve abarcar toda a necessidade e promover sentidos de vida, torna-se complexo e difícil de implementar, devido a sua amplitude no processo de existir e viver do paciente, devendo pragmaticamente produzir autorrealização, felicidade e qualidade de vida (Kinoshita et al., 2020).

A literatura considera que não existe projeto de reabilitação psicossocial “ideal”. Podemos ter projetos “reais” contextualizados conforme necessidades, desejos, sonhos e “tempos” do paciente psiquiátrico a fim de que se desenvolvam seus recursos individuais e exerça sua cidadania plena (Campos et al., 2021; Godinho & Peixoto Junior, 2019; Hirdes, 2009a, 2009b).

Além disso, os profissionais de saúde mental precisam compreender que o PRP é um “planejamento da vida do paciente psiquiátrico” e a qualquer momento o que se planejou pode mudar, desde que essa mudança tenha como protagonismo o paciente, visto que o processo de viver é marcado pela imprevisibilidade e tomadas de decisões para atender aos desejos e vontades próprias de cada indivíduo, conforme este desenvolve (e experimenta) a autonomia. Todavia, isso não significa que o “projeto” falhou, e sim o contrário, que o paciente psiquiátrico está exercendo e fortalecendo sua autonomia e trilhando suas próprias orientações de forma a construir sentidos de vida (Godinho & Peixoto Junior, 2019; Hirdes, 2009a, 2009b).

Finalidade do Webpp “App Projeto de Reabilitação Psicossocial”

Código: “App projeto de reabilitação psicossocial” como instrumento de gestão, organização e direcionamento das atividades do CAPS

Os profissionais deste estudo reforçam a importância da *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial” como ferramenta tecnológica condutora, orientadora e coordenadora do cuidado em saúde mental voltado ao processo de RP, direcionando as ações e intervenções



em benefício da saúde mental e da qualidade de vida do paciente psiquiátrico (Antonio et al., 2023; Campos et al., 2021).

Para a literatura, esses profissionais esperam e buscam nas *apps* recursos e funcionalidades que facilitem e dinamizem sua prática, seja na assistência e gestão, e principalmente que solucionem suas dificuldades nas construções de projetos de reabilitação psicossocial (Campos et al., 2021; Hanssen et al., 2020). Os recursos tecnológicos dinamizam as *apps* sobre saúde mental e podem potencializar sua utilização e implementação nos serviços de saúde mental (Jakob et al., 2022).

Recursos Tecnológicos do *Webapp* “App Projeto de Reabilitação Psicossocial”

Código: Interface para computador e métricas que apontasse relatório sobre os indicadores do serviço

A enfermeira 1 deste estudo reforça que a *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial” tenha adaptabilidade não apenas para dispositivos móveis, mas para computadores. A adaptabilidade dos dispositivos tecnológicos se alinha com a crítica na literatura voltada à tecnologia, a qual enfatiza que desenvolvedores e pesquisadores precisam priorizar que suas tecnologias sejam inclusivas, sem restrição a *softwares* ou *hardwares*. Nesse sentido, as *webapps* são programas que, por serem acessados por um *link* operacionalizado por rede de internet, não se restringem a *hardwares* e sistemas operacionais, permitindo, assim, maior inclusão dos seus usuários e diminuição de custos para os desenvolvedores e pesquisadores que não necessitam hospedar nas lojas virtuais (Hariman et al., 2019).

O recurso “relatório” permite se obter métricas, dados refinados ou brutos sobre as tarefas e atividades realizadas em *apps*. Além disso, pode colaborar com a mensuração do trabalho e conhecimentos dos indicadores, dimensionamento, potencialidade e vulnerabilidades do serviço pelos profissionais e gestores na monitoração do PRP e ações do serviço CAPS (Hanssen et al., 2020).

Código: Abas para intervenções do PRP e Lembretes de atividades ao paciente psiquiátrico

A intervenção é uma parte importantíssima para a funcionalidade do projeto de reabilitação psicossocial. Por meio dela o profissional de saúde mental implementa ações que podem trazer benefício ao desenvolvimento pessoal e social do paciente psiquiátrico (Campos et al., 2021). Nas intervenções também são mobilizados recursos pela articulação dos setores que compõem a rede de cuidado em saúde mental (Quinderé, Jorge & Franco, 2014).

Nesse sentido, a função de “lembretes” é ferramenta potencial para avisar o paciente psiquiátrico sobre suas responsabilidades com relação a cumprir as intervenções propostas



no seu projeto de reabilitação psicossocial (Birrell et al., 2022; Quintana et al., 2020). Corroborando com a literatura que informa que a função “lembretes” é muito desejada pelos profissionais de saúde/mental como recurso tecnológico para compor *apps* sobre saúde mental (Birrell et al., 2022).

Além disso, essa função pode potencializar a adesão dos pacientes psiquiátricos às intervenções e serviços oferecidos ao CAPS, em consonância com o seu projeto de reabilitação psicossocial, favorecendo a frequência às consultas, com seguimento aos retornos, como desejado pela médica e enfermeiro participantes desta pesquisa (Quintana et al., 2020).

Código: Totem e Mural

O Totem é uma estrutura que possui a finalidade de transmitir conteúdos e informações de forma rápida (muitas vezes chamado de *chatbot* ou programado em parceria com esse recurso), pré-programada e que induza sua leitura, como também orienta, aconselha ou dá *feedbacks* aos pacientes psiquiátricos (Michel et al., 2021). Ele pode ser usado na “*App* projeto de reabilitação psicossocial” como estratégia de psicoeducação, porém é um recurso caro e exige maior amadurecimento da funcionalidade, usabilidade, ação e viabilidade social e econômica de uma *app* (Bianco et al., 2021; Michel et al., 2021).

O Mural surge como uma ideia única de conectar pacientes psiquiátricos às oportunidades de atividades culturais e ofertas de trabalhos ou serviços. A ideia se parece com um “*post*” que pode ser visualizado e alimentado simultaneamente por seus usuários, com anúncios e informações de interesse dos usuários (Souza & Ximenes Carneiro da Cunha, 2019). Sendo uma possibilidade de divulgar ofertas de trabalho, como proposto pela assistente social, de forma a fomentar oportunidades de vivências socioafetivas, proporcionando ao paciente psiquiátrico o “cultivo” e o fortalecimento do sentimento de valorização social (Carvalho e Silva et al., 2022; Godinho & Peixoto Junior, 2019; Moura et al., 2023).

Código: Monitoramento da localização e frequência do paciente psiquiátrico ao serviço CAPS

A função GPS, eliciada da fala da assistente social, e “frequência ao serviço” (recurso apontado pela enfermeira 2) como ferramentas de “monitoramento” são compartilhadas pelo grupo como ação “benéfica” para vigiar e controlar a vida social e a evolução do paciente psiquiátrico (Queiroz, 2022). A prática de vigiar o ser humano ao ter o acesso aos seus dados pessoais e processo de vida, dividindo os pacientes nos grupos dos vigiados e profissionais de saúde observadores, tem sido uma preocupação evidente para pesquisadores da bioética (Queiroz, 2022; Torous & Roberts, 2017). Considera-se uma ação perigosa e violadora de direitos humanos, pois os dados sensíveis em saúde mental e psiquiatria podem ser usados a favor ou contra o paciente psiquiátrico, removendo-lhe o seu direito de escolha “autonomamente”, em condições favoráveis de liberdade (Currey & Torous, 2023; Queiroz, 2022; Torous & Vaidyam, 2020).



Barreiras quanto à Utilização da *Webapp* “App Projeto de Reabilitação Psicossocial” pelos Profissionais de Saúde Mental

Código: Exclusão digital do paciente psiquiátrico

A exclusão digital dos pacientes psiquiátricos quanto ao uso de *smartphones* e internet pode estar relacionada às iatrogenias físicas e cognitivas que o transtorno mental provoca, potencializadas por atraso no diagnóstico e tratamentos inespecíficos, bem como ausência de políticas públicas inclusivas e focadas na dignidade e possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional de pacientes psiquiátricos, como o acesso à educação, o que removeria a barreira do analfabetismo e literacia (Connolly et al., 2021).

Além disso, a pobreza pode ser um marcador social que impede o paciente psiquiátrico de ter acesso à compra e contratação de *smartphones* e planos de internet (Ramos et al., 2021). Esses achados validam o discurso da enfermeira 1 e evidenciam um segmento particular de pacientes atendidos pela equipe de saúde mental do CAPS em estudo. Corroborando com o estudo de Connolly que aponta que 19% dos pacientes usuários de serviço de saúde não possuem *smartphones*.

Código: Risco de sobrecarga profissional ao uso da “webapp projeto de reabilitação psicossocial”

Em continuidade, a enfermeira 1 também desabafou enfaticamente que a *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial” poderia precarizar ainda mais o trabalho dos profissionais em saúde mental do serviço CAPS. Estudos consideram que os serviços de saúde mental brasileiros, há anos, são subfinanciados pelo governo federal e estaduais, comprometendo a qualidade e a efetividade das ações de saúde mental realizadas, em muitos lugares, escarrando o sucateamento e deficit profissional (Cruz et al., 2020).

De acordo com estudo diferente da realidade brasileira, as *apps* são valorizadas como ferramenta de apoio à decisão clínica, e não uma barreira à utilização dos *smartphones* pessoais por seus profissionais (Pokhrel et al., 2021). Por isso, a literatura é enfática ao determinar que os pesquisadores e desenvolvedores de *apps* sobre saúde mental interajam de forma colaborativa com os profissionais de saúde mental durante todo o processo de idealização, protatipação e desenvolvimento das *apps* sobre saúde mental (Giovanelli et al., 2023; Honaker et al., 2023), de forma a deixá-las contextualizadas, aplicáveis e úteis às necessidades desses profissionais, e não mais uma *app* inútil e com potencial para dificultar o processo de trabalho em saúde mental, que por si só já é marcado pela complexidade e sutileza de ser compreender o ser humano (Miralles & Granell, 2019).



Conclusão

O grupo focal foi fundamental para identificar requisitos iniciais para a protatipação do *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial”. Essa técnica permitiu compreender os significados e aproximações a respeito do PRP como instrumento de cuidado, que sistematiza ações de reabilitação psicossocial que beneficiam o paciente psiquiátrico, proporcionando sua integração social, independência, dignidade e maior qualidade de vida. Ademais, permeou e expôs as dificuldades e barreiras que prejudicam as ações de reinserção social, independência e desinstitucionalização de ambientes manicomiais a fim de garantir os princípios da reforma psiquiátrica brasileira.

A técnica de grupo focal também permitiu que o pesquisador principal deste trabalho fosse protagonista de participação como *codesign* do prototipo da *webapp* “App projeto de reabilitação psicossocial”, por meio das sugestões de recursos tecnológicos, que permitem capturar os requisitos para seu protótipo.

Essa aproximação e intersecção entre a tecnologia e os saberes dos profissionais de saúde mental quanto ao PRP é oportunidade crucial para que a aplicação não apenas facilite a construção e a gestão dos projetos de reabilitação psicossocial, mas também atenda às necessidades práticas da assistência em saúde mental em serviços com foco no processo de reabilitação psicossocial, como o CAPS.

As próximas etapas, principalmente a de protatipação, vão exigir habilidades colaborativas e decisões difíceis para “traduzir” esses requisitos ao design do prototipo, de forma a priorizar sua usabilidade e utilidade contextualizada com as necessidades e realidades dos profissionais, gestores e pacientes psiquiátricos dos serviços CAPS. Pois, os autores deste trabalho acreditam que para o sucesso, a usabilidade e a garantia para que esse *app* não se torne obsoleto e produza “sobrecarga” aos profissionais, durante suas próximas etapas (protatipação e desenvolvimentos), faz-se necessário continuar incluindo profissionais de saúde mental como profissionais participantes do processo de desenvolvimento, com sugestões de melhorias e aperfeiçoamento.

Por fim, os achados evidenciados, neste artigo, não podem ser generalizados para todos os contextos dos serviços de saúde mental, exceto para os serviços CAPS, com características sociodemográficas semelhante às descritas nesse trabalho.

Referências

Antonio, C. R., Mangini, F. N. R., Lunkes, A. S., Marinho, L. C. P., Zubiaurre, P. M., Rigo, J., & Siqueira, D. F. (2023). Projeto terapêutico singular: potencialidades e dificuldades na saúde mental. *Linhas Críticas*, 29(e45423), 1-14. <https://doi.org/10.26512/lc29202345423>



Aschidamini, I. M., & Saupe, R. (2004). Grupo focal - estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. *Cogitare Enfermagem*, 9(1), 9-14. <https://doi.org/10.5380/ce.v9i1.1700>

Babinski, T., & Hirdes, A. (2004). Reabilitação psicossocial: a perspectiva de profissionais de centros de atenção psicossocial do Rio Grande do Sul. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 13(4), 568-576. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072004000400009>

Bezerra, E. A. A. C., Ferreira, A. A., Bezerra, S. A. C., Portela, L. C., & Bezerra Júnior, S. A. C. (2023). Desenvolvimento de um protótipo móvel para auxiliar enfermeiros: diagnóstico de enfermagem em saúde mental. *Revista Contemporânea*, 3(8), 11228-11246. <https://doi.org/10.56083/RCV3N8-071>

Bianco, C. L., Myers, A. L., Smagula, S., & Fortuna, K. L. (2021). Can Smartphone Apps Assist People with Serious Mental Illness in Taking Medications as Prescribed? *Sleep Medicine Clinics*, 16(1), 213-222. <https://doi.org/10.1016/j.jsmc.2020.10.010>

Birrell, L., Furneaux-Bate, A., Debenham, J., Spallek, S., Newton, N., & Chapman, C. (2022). Development of a Peer Support Mobile App and Web-Based Lesson for Adolescent Mental Health (Mind Your Mate): User-Centered Design Approach. *JMIR Formative Research*, 6(5). <https://doi.org/10.2196/36068>

Bomfim, L. A. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>

Braun, V., & Clarke, V. (2022). Conceptual and design thinking for thematic analysis. *Qualitative Research in Psychology*, 9(1), 3-26. <https://doi.org/10.1037/qup0000196>

Braun, V.; & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

Burn, A.-M., Ford, T. J., Stochl, J., Jones, P. B., Perez, J., & Anderson, J. K. (2022). Developing a Web-Based App to Assess Mental Health Difficulties in Secondary School Pupils: Qualitative User-Centered Design Study. *JMIR Formative Research*, 6(1), e30565. <https://doi.org/10.2196/30565>

Campos, F. A. A. C. C., García, J. C. S., Feitosa, F. B., Reis, I. de O., Caritá, E. C., Moll, M. F., & Ventura, C. A. A. (2025a). Theoretical and bioethical foundations for the development of the psychosocial rehabilitation project application. *Saúde em Redes*, 11(1), 4430. <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2025v11n1.4430>

Campos, F. A. A. C., Feitosa, F. B., Moll, M. F., Reis, I. de O., García, J. C. S., & Ventura, C. A. A. (2025b). Requirements for the Development of an App for a Psychosocial Rehabilitation Project: An Integrative Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 22(2), 310. <https://doi.org/10.3390/ijerph22020310>

Campos, F. A. A. C., Silva, J. C. B., Almeida, J. M., & Feitosa, F. B. (2021). Reabilitação Psicossocial: o Relato de um Caso na Amazônia. *Saúde em Redes*, 7(Supl. 2), 133-150. <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2021v7n2p133-150>



Carvalho e Silva, J., Bezerra Magalhães, Y., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2022). Horticultura terapêutica em um grupo de reabilitação da dependência química no Brasil. *Avances em Psicología Latinoamericana*, 40(1), 1–15. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6730>

Cheng, P. G. F., Ramos, R. M., Bitsch, J. Á., Jonas, S. M., Ix, T., See, P. L. Q., & Wehrle, K. (2016). Psychologist in a Pocket: Lexicon Development and Content Validation of a Mobile-Based App for Depression Screening. *JMIR mHealth and uHealth*, 4(3), e88. <https://doi.org/10.2196/mhealth.5284>

Cobo Campo, L. A., & Pérez-Urbe, R. I. (2016). Proyecto Anamnesis-Desarrollo de una aplicación web y móvil para la gestión de una Historia Clínica Unificada de los colombianos. *Revista Escuela de Administración de Negocios*, 80, 91-104. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-81602016000100007

Connolly, S. L., Kuhn, E., Possemato, K., & Torous, J. (2021). Digital Clinics and Mobile Technology Implementation for Mental Health Care. *Current Psychiatry Reports*, 23(7), 38. <https://doi.org/10.1007/s11920-021-01254-8>

Costa, B. C. (2023). *Aconchego: Construção e validação de aplicativo para apoio à saúde Mental* [Dissertação, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75874>

Cruz, N. F. O., Gonçalves, R. W., & Delgado, P. G. G. (2020). Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3), e00285117. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00285>

Currey, D., & Torous, J. (2023). Digital Phenotyping Data to Predict Symptom Improvement and Mental Health App Personalization in College Students: Prospective Validation of a Predictive Model. *Journal of Medical Internet Research*, 25, e39258. <https://doi.org/10.2196/39258>

Dossett, L. A., Kaji, A. H., & Cochran, A. (2021). SRQR and COREQ Reporting Guidelines for Qualitative Studies. *JAMA Surgery*, 156(9), 875–876. <https://doi.org/10.1001/jamasurg.2021.0525>

Dui, L. G., Lunardini, F., Termine, C., Matteucci, M., Stucchi, N. A., Borghese, N. A., & Ferrante, S. (2020). A Tablet App for Handwriting Skill Screening at the Preliteracy Stage: Instrument Validation Study. *JMIR Serious Games*, 8(4), e20126. <https://doi.org/10.2196/20126>

Giovanelli, A., Sanchez Karver, T., Roundfield, K. D., Woodruff, S., Wierzba, C., Wolny, J., & Kaufman, M. R. (2023). The Appa Health App for Youth Mental Health: Development and Usability Study. *JMIR Formative Research*, 7, e49998. <https://doi.org/10.2196/49998>

Godinho, D. M., & Peixoto Junior, C. A. (2019). Clínica em movimento: a cidade como cenário do acompanhamento terapêutico. *Fractal Revista de Psicologia*, 31(3), 320–327. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i3/5644>



Gowarty, M. A., Longacre, M. R., Vilardaga, R., Kung, N. J., Gaughan-Maher, A. E., & Brunette, M. F. (2021). Usability and Acceptability of Two Smartphone Apps for Smoking Cessation Among Young Adults With Serious Mental Illness: Mixed Methods Study. *JMIR Mental Health*, 8(7), e26873. <https://doi.org/10.2196/26873>

Gusmão, E. C. R. (2019). *Construção e validação de um aplicativo de identificação das habilidades adaptativas de crianças e adolescentes com deficiência intelectual* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional Universidade Federal de Minas Gerais. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ENFC-BCDJHA>

Hanssen, E., Balvert, S., Oorschot, M., Borkelmans, K., van Os, J., Delespaul, P., & Feet, A. K. (2020). An ecological momentary intervention incorporating personalised feedback to improve symptoms and social functioning in schizophrenia spectrum disorders. *Psychiatry Research*, 284(12695), 1–8. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112695>

Hariman, K., Ventriglio, A., & Bhugra, D. (2019). The Future of Digital Psychiatry. *Current Psychiatry Reports*, 21(9), 88. <https://doi.org/10.1007/s11920-019-1074-4>

Hirdes, A. (2009a). A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1), 297–305. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100036>

Hirdes, A. (2009b). Autonomia e cidadania na reabilitação psicossocial: uma reflexão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1), 165-171. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100022>

Honaker, M. G., Weitlauf, A. S., Swanson, A. R., Hooper, M., Sarkar, N., Wade, J., & Warren, Z. E. (2023). Paisley: Preliminary validation of a novel app-based e-Screener for ASD in children 18-36 months. *Autism Research*, 16(10), 1963–1975. <https://doi.org/10.1002/aur.2997>

Jakob, R., Harperink, S., Rudolf, A. M., Fleisch, E., Haug, S., Mair, J. L., Salamanca-Sanabria, A., & Kowatsch, T. (2022). Factors Influencing Adherence to mHealth Apps for Prevention or Management of Noncommunicable Diseases: Systematic Review. *Journal of Medical Internet Research*, 24(5), e35371. <https://doi.org/10.2196/35371>

Kawata, Y., Kuroda, S., & Owan, H. (2023). The impact of a mobile app-based corporate sleep health improvement program on productivity: Validation through a randomized controlled trial. *Plos One*, 18(10), e0287051. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0287051>

Kinoshita, R. T., Trino, A. T., Guimarães, C. S., Castro, C. A. de, & Prado, C. M. A. S. (2020). Atenção psicossocial e bem viver: relato de experiência de um Projeto Terapêutico Singular pelas dimensões da Felicidade Interna Bruta. *Saúde em Debate*, 44(spe3), 320–332. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020e326>

Kuck, N., Dietel, F. A., Nohr, L., Vahrenhold, J., & Buhlmann, U. (2022). A smartphone app for the prevention and early intervention of body dysmorphic disorder: Development and evaluation of the content, usability, and aesthetics. *Internet Interventions*, 28, 100521. <https://doi.org/10.1016/j.invent.2022.100521>



Lopes, R. P., Barroso, B., Deusdado, L., Novo, A., Guimarães, M., Teixeira, J. P., & Leitão, P. (2021). *Digital Technologies for Innovative Mental Health Rehabilitation. Electronics*, 10(18), 2260. <https://doi.org/10.3390/electronics10182260>

Michel, M. A. M., Santos, L. A. dos, & Freitas, E. J. de R. (2021). *Desenvolvimento de um totem inteligente* [Resumo expandido]. IX Seminário de Iniciação Científica do IFMG, Belo Horizonte. <https://www.ifmg.edu.br/sic/edicoes-antiores/resumos-2021/engenharias/desenvolvimento-de-um-totem-inteligente.pdf>

Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>

Miralles, I., & Granell, C. (2019). Considerations for designing context-aware mobile apps for mental health interventions. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(7), 1–21. <https://doi.org/10.3390/ijerph16071197>

Morgado, T., Loureiro, L., & Botelho, M. (2021). Intervenção psicoeducacional promotora da literacia em saúde mental de adolescentes na escola: estudo com grupos focais. *Revista de Enfermagem Referência*, 5(6), e20133. <https://doi.org/10.12707/RV20133>

Moura, A. A., Cartaxo, C. M. B., & Mendonça, M. C. A. (2023). “Se é para jogar dominó, eu jogo em casa”: reflexões sobre a ociosidade em serviços de saúde mental. *Caderno Brasileiro de Saúde Mental*, 15(42), 106–128. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/75083>

Nardi, W., Roy, A., Dunsiger, S., & Brewer, J. (2022). Analyzing the Impact of Mobile App Engagement on Mental Health Outcomes: Secondary Analysis of the Unwinding Anxiety Program. *Journal of Medical Internet Research*, 24(8), e33696. <https://doi.org/10.2196/33696>

Ng, M. M., Firth, J., Minen, M., & Torous, J. (2019). User engagement in mental health apps: A review of measurement, reporting, and validity. *Psychiatric Services*, 70(7), 538-544. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.201800519>

Pokhrel, P., Karmacharya, R., Taylor Salisbury, T., Carswell, K., Kohrt, B. A., Jordans, M. J. D., Lempp, H., Thornicroft, G., & Luitel, N. P. (2021). Perception of healthcare workers on mobile app-based clinical guideline for the detection and treatment of mental health problems in primary care: a qualitative study in Nepal. *BMC Medical Informatics and Decision Making*, 21(1), 21. <https://doi.org/10.1186/s12911-021-01386-0>

Queiroz, G. (2022). Second Mind: Considerações Ético-Legais sobre a Digitalização em Saúde Mental no Contexto Português. *Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental*, 8(3), 96–104. <https://doi.org/10.51338/rppsm.332>

Quinderé, P. H. D., Jorge, M. S. B., & Franco, T. B. (2014). Rede de Atenção Psicossocial: qual o lugar da saúde mental? *Physis*, 24(1), 253-271. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000100014>



Quintana, M., Anderberg, P., Berglund, J. S., Frögren, J., Cano, N., Cellek, S., Zhang, J., & Garolera, M. (2020). Feasibility-usability study of a tablet app adapted specifically for persons with cognitive impairment-smart4md (Support monitoring and reminder technology for mild dementia). *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(18), 6816. <https://doi.org/10.3390/ijerph17186816>

Ramos, G., Ponting, C., Labao, J. P., & Sobowale, K. (2021). Considerations of diversity, equity, and inclusion in mental health apps: A scoping review of evaluation frameworks. *Behaviour Research and Therapy*, 147(103990). <https://doi.org/10.1016/j.brat.2021.103990>

Romualdo, J. F. (2022). *Formação do médico de família e comunidade no contexto da pandemia da Covid-19* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo - Unifesp]. Repositório do ProfSaúde. <https://profsaude-abrasco.fiocruz.br/tcm/formacao-medico-familia-comunidade-contexto-pandemia-covid-19>

Ruf, A., Koch, E. D., Ebner-Priemer, U., Knopf, M., Reif, A., & Matura, S. (2021). Studying Microtemporal, Within-Person Processes of Diet, Physical Activity, and Related Factors Using the APPetite-Mobile-App: Feasibility, Usability, and Validation Study. *Journal of Medical Internet Research*, 23(7), e25850. <https://doi.org/10.2196/25850>

Silva Junior, L. A., & Leão, M. B. C. (2018). O software Atlas.ti como recurso para a análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. *Ciência & Educação (Bauru)*, 24(3), 715–728. <https://doi.org/10.1590/1516-731320180030011>

Souza, K., & Ximenes Carneiro da Cunha, M. (2019). Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, 3(3), 204–2017. <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.156>

Tamashiro, L. M. C. (2019). *Desenvolvimento de tecnologia educacional digital sobre prática sexual segura e contracepção com adolescentes* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto]. Biblioteca Digital USP Teses e Dissertações. <https://doi.org/10.11606/T.22.2020.tde-07072020-152142>

Thirycherques, H. R. (2009). Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia*, 2(2), 20-27. https://revistapmkt.com.br/pt_br/?s=Satura%C3%A7%C3%A3o+em+pesquisa+qualitativa%3A+estimativa+emp%C3%ADrica+de+dimensionamento

Torous, J., & Roberts, L. W. (2017). The Ethical Use of Mobile Health Technology in Clinical Psychiatry. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 205(1), 4-8. <https://doi.org/10.1097/NMD.0000000000000596>

Torous, J., & Vaidyam, A. (2020). Multiple uses of app instead of using multiple apps- A case for rethinking the digital health technology toolbox. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 29(e100), 1–2. <https://doi.org/10.1017/S2045796020000013>

Vial, S., Boudhraâ, S., Dumont, M., Tremblay, M., & Riendeau, S. (2023). Developing A Mobile App With a Human-Centered Design Lens to Improve Access to Mental Health Care (Mentallys



Project): Protocol for an Initial Co-Design Process. *JMIR Research Protocols*, 12, e47220. <https://doi.org/10.2196/47220>

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Zubiaurre, P. de M., Wasum, F. D., Tisott, Z. L., Barroso, T. M. M. D. de A., De Oliveira, M. A. F., & De Siqueira, D. F. (2023). O desenvolvimento do projeto terapêutico singular na saúde mental: revisão integrativa. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 27(6), 2788–2804. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i6.2023-041>